

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT04.011](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT04.011)

PSICOLOGIA ESCOLAR E INTERVENÇÕES FAMILIARES: UM LEVANTAMENTO DE DEMANDAS

GLAYDSON ÉLDER FREITAS SANTANA DA SILVA

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, elderglaydsonfreitas@gmail.com;

LUDWIG FÉLIX MACHADO LEAL

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, psicologoludwigleal@gmail.com;

CINTHYA KARINA VENTURA DE MACÊDO

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, cinthyakvmacedo@gmail.com;

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo apresentar os resultados de um levantamento de demandas realizado com pais e mães em uma escola privada. Para isso, foi realizado inicialmente pelo setor de psicologia uma sensibilização com os participantes na reunião de pais de alunos do ensino fundamental, anos finais e médio, no início do ano letivo de 2023. Após esse momento, foi disponibilizado um questionário online subdividido em duas seções: a primeira contou com sete perguntas de cunho sociodemográfico e a segunda contou com seis perguntas mais direcionadas ao tema principal da pesquisa, dentre as quais quatro serão discutidas no presente trabalho, a saber: Como é sua rotina? Você tem alguma prática de autocuidado? Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta ao lidar com um (a) filho (a) adolescente? Como você se sente em relação a essas dificuldades? Os questionários foram respondidos por 55 participantes. Os resultados apontam um perfil mais feminino entre os respondentes, cujas práticas de autocuidado se referem em grande parte a caminhadas ao ar livre. Entre as principais dificuldades em lidar com filhos adolescentes aponta-se o uso excessivo de eletrônicos, agressividade, falta de responsabilidade nos estudos, teimosia, ansiedade, entre outros. De acordo com os resultados, ressalta-se a importância de se promover

ações de acolhimento e psicoeducação para as famílias no ambiente escolar, visto que este é um dos pilares da prática do psicólogo na escola.

Palavras-chave: Psicologia Escolar, Família, Adolescência, Ensino Fundamental, Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

A família é o contexto primário do desenvolvimento humano. É neste cenário que geralmente se estabelecem as relações mais estáveis e permanentes do ciclo vital de um indivíduo. De maneira geral, o grupo familiar possui a função básica de garantir o bem-estar físico e psicológico dos seus componentes, alicerçar e fortalecer vínculos, bem como, e fomentar o compartilhamento de valores e crenças da sociedade na qual estão inseridas, o que promove a integração entre as características internas deste grupo e o contexto sócio-histórico cultural em que está vinculado (SILVA; MATOS; BRITO 2023).

A importância da família no processo de desenvolvimento humano é indiscutível. De modo consensual, a família pode ser compreendida enquanto um meio formado por pessoas em diferentes períodos de desenvolvimento, que compartilham no mesmo contexto um percurso vital, o qual é caracterizado por momentos críticos, preditores de etapas evolutivas e de incumbências de socialização (DINIZ; SALOMÃO, 2010). Ao considerar que a família está inserida em um contexto sócio-histórico-cultural, com sistemas simbólicos e padrões comportamentais diversos, compreende-se que as experiências de interação serão variadas e plurais na medida em que também mudam os cenários e as diferentes formas que os pais compreendem o processo de criação dos filhos (KELLER, 1998).

Dentre os diversos cenários em que o papel da família é evidenciado, neste trabalho será dado um maior enfoque ao contexto escolar e às possibilidades de articulação entre a família e a escola, ao compreendê-los enquanto espaços primordiais para a promoção do desenvolvimento humano. Conforme Silva e Guzzo (2019), a escola e a família são os dois primeiros contextos que promovem vivências sociais ao indivíduo, assim sendo, a parceria entre eles é fundamental. Em consonância, Albuquerque e Braz Aquino (2021) destacam que é por meio da parceria entre família e escola que a educação se constrói conjuntamente, possibilitando o desenvolvimento integral da criança e do adolescente.

Do escopo de profissionais inseridos nos diversos cenários educacionais, este trabalho tomará como pauta o papel de psicólogas/os/ues escolares na relação família-escola. Em vista disso, é imprescindível demarcar que a Psicologia Escolar e Educacional aqui defendida caracteriza-se como um extenso campo de atuação, formação profissional e produção científica, que evidencia as especificidades existentes na relação entre os conhecimentos psicológicos e os espaços

educacionais, cujo foco perpassa os aspectos vinculados às relações intergrupais e ao acompanhamento dos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano (ANTUNES, 2008; MARTÍNEZ, 2010; NASCIMENTO, 2020).

Dentre as diversas atribuições e possibilidades de atuação no campo da Psicologia Escolar e Educacional situa-se a atuação frente à mediação de relações interpessoais e a busca em potencializar os processos de ensino, aprendizagem e desenvolvimento humano (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019). Nessa direção, estudos do referido campo, como os desenvolvidos por Silva e Guzzo (2019) e Albuquerque e Braz Aquino (2021), já evidenciam a importância do trabalho da Psicologia Escolar na mediação entre os grupos familiares e o contexto escolar.

No tocante à relação família-escola, é importante demarcar que pesquisas contemporâneas fundamentadas em distintas perspectivas teóricas já sinalizam as questões concernentes aos efeitos dessa intersecção no processo de desenvolvimento de crianças e jovens (FREITAS, 2016; GUZZO *et al.* 2018; MARCONDES; SIGOLO, 2012; OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010; SILVA; GUZZO, 2019). Todavia, vale salientar que Braz Aquino *et al.* (2015) e Cavalcante e Braz Aquino (2013) evidenciaram em suas pesquisas que psicólogos/os/ues escolares consideram a família como ausente da vivência escolar de seus/uas filhos/as e pontuam este fator como contribuinte para efeitos negativos no processo de escolarização.

A despeito do histórico movimento de culpabilização do fracasso escolar à família ou ao estudante, concorda-se com Silva e Guzzo (2019) na defesa de que cabe à instituição escolar promover espaços que promovam a participação da família na escola. Nesse sentido, o presente estudo se trata de um relato de experiência profissional em Psicologia Escolar, que buscou apreender a perspectiva de familiares e responsáveis de alunos matriculados em uma instituição de ensino privada da Cidade de Campina Grande-PB no que diz respeito às questões referentes ao processo de desenvolvimento de seus filhos, e de que como tais fatores influenciam na vivência no ambiente familiar e escolar dos/as/es estudantes.

Conforme Guzzo, Moreira e Mezzalira (2016), a conduta profissional é iluminada por teorias ou conjunto de leis, e portanto, compreende-se que a ação cotidiana e as ideias que orientam este fazer são parte de um mesmo processo, o qual é indissociável. Desse modo, segundo as autoras, o desafio principal consiste em evidenciar na atividade cotidiana a ontologia crítica e contra hegemônica que nos orienta. Por isso, considera-se importante explicitar os pressupostos teóricos que

conduziram os procedimentos aqui adotados, os quais serão descritos em seção posterior.

No presente estudo, defende-se a importância da Psicologia Histórico-Cultural para a atuação profissional no campo da Psicologia Escolar e Educacional, em concordância com autoras como Braz Aquino e Albuquerque (2016) e Nascimento (2020). Um dos pontos principais dessa perspectiva é evidenciar o papel da cultura no processo do desenvolvimento humano, o qual é compreendido enquanto mediado pelos aspectos históricos, sociais e culturais do contexto em que se está inserido (BOCK, 2008; VIGOTSKI, 2018).

Nessa compreensão, entende-se que o desenvolvimento está diretamente relacionado à aprendizagem, e situa-se em dois planos que se entrecruzam: um orgânico ou natural, associado à maturação biológica; e um cultural, caracterizado essencialmente pela presença do elemento mediador, componente que promove mudanças qualitativas no psiquismo humano (ROSA *et al.*, 2020; SILVA; LYRA, 2017).

Mediante a breve explanação e demarcação teórica que norteou o desenvolvimento da prática profissional aqui relatada, nos próximos tópicos serão apresentados e discutidos os procedimentos realizados no desenvolvimento do presente levantamento de demandas, o qual buscou principalmente, aproximar os familiares à vivência escolar dos estudantes, mediar a relação da díade família-escola e efetivar espaços participativos do referido grupo no cenário em questão.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se enquanto um relato de experiência profissional em Psicologia Escolar e Educacional desenvolvido em uma instituição privada de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio da cidade de Campina Grande-PB. Serão apresentados os procedimentos adotados para a realização de um estudo de levantamento de demandas direcionado à familiares dos estudantes da referida instituição.

É importante demarcar que essa ação vincula-se ao processo contínuo de realização de atividades que buscam conhecer o contexto em que se está inserido, a fim de ampliar o olhar sobre como os mais diversos fatores podem influenciar nas particularidades existentes no cenário educacional. O referido procedimento é amplamente demarcado nas produções do campo da Psicologia Escolar e Educacional enquanto uma ação primordial para o desenvolvimento de atividades

nos mais diversos cenários educacionais (ANDRADA et al., 2018; FERREIRA et al., 2019; FERREIRA et al., 2021; GUZZO; MOREIRA; MEZZALIRA, 2016; MARINHO-ARAÚJO, 2014; MEZZALIRA et al., 2019; NEVES, 2011; PATIAS; ABAID, 2014; SILVA; GOMES; BRAZ AQUINO, 2023).

Para a realização da presente ação, partiu-se da seguinte pergunta: *“Quais são as maiores dificuldades que as famílias enfrentam ao lidar com um adolescente em desenvolvimento?”*. Desse modo, o ponto de partida do levantamento se deu mediante a aproximação da equipe de Psicologia aos familiares dos estudantes da instituição, bem como, da apresentação dos objetivos da ação a ser desenvolvida, através de um espaço obtido no momento de reunião geral com pais, mães e/ou responsáveis, no início do ano letivo de 2023.

Após este momento, foi disponibilizado um questionário *online* via *Google Forms* para ser respondido pelo mencionado público-alvo, o qual era subdividido em duas seções: a primeira contou com sete perguntas de cunho sociodemográfico e a segunda contou com seis perguntas mais direcionadas ao tema principal do levantamento. O referido questionário contou com perguntas como: (a) Como é sua rotina?; (b) Você tem alguma prática de autocuidado?; (c) Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta ao lidar com um (a) filho (a) adolescente?; (d) Como você se sente em relação a essas dificuldades?

As referidas questões tiveram como objetivo principal acessar a percepção dos familiares acerca do processo de desenvolvimento dos/as estudantes, bem como levantar quais as principais repercussões identificadas pelos pais e/ou responsáveis no que concerne à escolarização de seus/uas filhos/as. Os resultados do levantamento realizado por meio do questionário online serão apresentados e discutidos em seção posterior.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente tópico serão apresentados os dados obtidos pelo questionário sociodemográfico e pelas questões de levantamento de demandas presentes no formulário online utilizado na ação aqui relatada. Vale mencionar que, após o período de coleta, as respostas obtidas foram processadas e analisadas conforme as diretrizes postuladas por Bardin (1997).

CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS(AS) RESPONDENTES

O levantamento de dados junto aos pais e responsáveis pelos alunos do ensino médio contou com a participação de 55 respondentes, sendo a maioria do gênero feminino (90%), casada (76,3%), com idade entre 35 e 45 anos (49%) e ensino superior completo (60%). A maioria das participantes relatou que possui uma rotina dividida entre trabalho e tarefas domésticas (49%) ou entre trabalho, tarefas domésticas e estudos (14,5%). Ainda com relação à rotina diária, 22% das respostas apontaram para mães que não trabalham fora de casa para se dedicar às tarefas domésticas e ao cuidado da família. Algumas respostas indicaram, ainda, que cerca de 6% da amostra trabalha em mais de dois empregos e possui uma rotina agitada, exaustiva e com pouco ou nenhum lazer.

No que diz respeito às práticas de autocuidado, foi observado que mais da metade das respostas foram positivas (72,2%), ou seja, as participantes buscam incluir na sua rotina ao menos uma atividade que consideram como autocuidado, quais sejam: 40% indicou que pratica alguma atividade física como caminhada ao menos uma vez por semana, 14,5% vai à igreja semanalmente e se dedica às atividades espirituais, 12,7% pratica algum hobby como leitura ou assistir filmes, 9% apontou que cuida bem da rotina do sono, 7,2% indicou que cuida da alimentação e, por fim, 5,4% citou fazer psicoterapia.

Os dados levantados indicaram que as mães cuidadoras buscam realizar práticas de autocuidado em seu cotidiano, todavia, é importante demarcar as características sociodemográficas do grupo em questão, visto a estabelecida desigualdade social e intrafamiliar que recai sobre as mulheres e sobre as mães, especialmente no que se refere à necessidade de manutenção do trabalho doméstico e de cuidado parental com o emprego formal. Assim, conforme Santos *et al* (2021), essa disparidade de atividades a serem realizadas pode contribuir para que as mães não tenham liberdade suficiente para exercer demais tarefas cotidianas, a exemplo das práticas de autocuidado, ao considerar que a demanda diária direciona para uma maior dedicação ao cuidado familiar e às atividades domésticas.

DIFICULDADES DOS PAIS EM RELAÇÃO AOS FILHOS ADOLESCENTES

O segundo momento do levantamento realizado consistiu em identificar os fatores que as famílias consideram como mais dificultoso no processo de lidar com um(a) filho(a) adolescente. Desse modo, foi perguntado no questionário “*Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta ao lidar com um (a) filho (a) adolescente?*”. Para analisar as produções dos participantes foi utilizada a análise do tipo categorial temática, mediante os pressupostos gerais postulados por Bardin (1997). A análise de conteúdo das produções evidenciou a emergência de 53 unidades de conteúdo, as quais formaram sete categorias temáticas. Estes resultados estão demonstrados a seguir no Quadro 1.

Quadro 1: Dificuldades ao lidar com filhos(as) adolescentes

Categorias	Unidade de conteúdo (F)	Unidade de conteúdo (%)
Dificuldade nos estudos	11	21
Comportamentos rebeldes	10	18,8
Oscilações emocionais dos filhos	10	18,8
Uso excessivo de aparelhos eletrônicos	9	17
Influência de amizades	7	13,2
Falta de paciência dos pais	3	5,6
Reclamações excessivas dos filhos	3	5,6
Total	53	100

Fonte: Autoria própria.

Como se pode observar no Quadro 1, identificou-se que a maior dificuldade apontada pelas participantes foi em relação aos estudos dos(as) filhos(as), compondo 21% dos resultados levantados. As mães e/ou responsáveis indicaram não saber lidar com as dificuldades apresentadas pelos(as) adolescentes no processo de ensino-aprendizagem escolar, principalmente em termos de: *notas baixas nas avaliações; falta de interesse em cumprir com as obrigações escolares; preguiça; dificuldade na atenção; falta de foco e concentração*. Além disso, os relatos indicaram que foi percebido um agravo no rendimento escolar após o período de pandemia, bem como o não entendimento das mães/responsáveis de como manejar e mediar essa situação.

A segunda maior dificuldade identificada formou a categoria “*comportamentos rebeldes*” (18,8%). De acordo com as respondentes, seus filhos apresentam comportamentos como: *desobediência; não abertura para diálogos ou conselhos; mudanças de hábitos; não querer ir mais para a igreja*, o que leva às mães/responsáveis a não saberem lidar da forma que gostariam. Além disso, também com 18,8% das respostas formou-se a categoria “*oscilações emocionais dos filhos*”. Dentro dessas oscilações emocionais dos adolescentes foram citadas: *mudanças bruscas e repentinas de humor; tristeza “aparecendo do nada”; medo excessivo “de repente”; ansiedade; irritabilidade; raiva repentina*, o que faz com que as famílias não saibam o que fazer frente a isso.

A quarta categoria diz respeito ao *uso excessivo de telas e aparelhos eletrônicos* pelos filhos (17%). De acordo com as mães/responsáveis, os(as) adolescentes aparentam estar mais preguiçosos(as) e desinteressados(as) por atividades diárias diversas e preferem ficar no celular, tablet, computador ou videogame. Isso gera preocupação nas famílias por não saber o conteúdo em que os(as) filhas têm acesso ou como colocar limites no uso, o que leva ao entendimento de que o uso excessivo de telas é algo perigoso e muito difícil de lidar.

A quinta categoria, por sua vez, pode ter relação com a anterior, visto que trata sobre a preocupação das famílias em relação às *influências das amigas* na vida dos adolescentes (13,2%). Foi observado nas respostas que algumas participantes encontram dificuldade em compreender se as amigas de seus/suas filhos(as) são benéficas ou não para o desenvolvimento dos(as) adolescentes, uma vez que a maioria busca se relacionar com amigos virtuais e passam muito tempo em interações virtuais por meio dos jogos eletrônicos ou em redes sociais como Instagram e Tik Tok. Outras respostas ainda apontaram para a dificuldade que algumas famílias sentem em confiar que os(as) adolescentes saiam sozinhos(as) com os amigos, por considerarem como algo perigoso e arriscado.

Por fim, as duas últimas categorias dizem respeito à *falta de paciência dos pais* e *reclamações excessivas dos filhos*, as quais apresentaram a mesma proporção nas respostas, ambas com 5,6%. No que diz respeito à *falta de paciência dos pais*, foi relatado que algumas famílias não conseguem manter paciência para um diálogo saudável para resolver conflitos ou mediar situações cotidianas em casa, o que reverbera em brigas familiares, grosserias com os adolescentes e comportamentos agressivos. Por outro lado, essa falta de paciência também pode estar relacionada à última categoria, *reclamações excessivas dos filhos*. Algumas

participantes indicaram que sentem muita dificuldade ao conviver com um adolescente que, segundo elas, “*só reclama*”, “*reclama de tudo*” ou “*não está satisfeito com nada*”. Foi apontado que essas reclamações excessivas por parte dos adolescentes gera nas famílias incômodo, especialmente por não saber lidar com a situação.

A partir do levantamento realizado, foi possível perceber que as principais questões elencadas enquanto desafios e/ou dificuldades percebidas pelas mães/responsáveis dizem respeito aos aspectos próprios do desenvolvimento humano no período da adolescência. Desse modo, em consonância com estudos como Koshino (2021), Ferreira *et al.* (2021) e Pereira (2019), aqui defendemos que a adolescência deve ser compreendida enquanto um período marcado por crises que advém de modificações nas combinações entre os aspectos biológicos e sociais do indivíduo, as quais influenciam a qualidade das relações estabelecidas por esse sujeito.

Nesse sentido, a partir de uma concepção histórico-cultural de sujeito e de desenvolvimento humano aqui defendida, compreende-se que a(o) profissional de psicologia escolar ao ter contato com questões similares, realize ações que busquem favorecer o processo de conscientização e despatologização da adolescência, bem como o fomento da percepção de que o(a) adolescente é um sujeito em desenvolvimento, que constitui-se historicamente, mediado pela cultura e pelas relações que são estabelecidas no contexto social em que se está inserido (FERREIRA *et al.*, 2021). Dito isso, no próximo tópico serão apresentados e discutidos os aspectos concernentes à como as famílias se sentem em relação aos referidos desafios elencados no presente tópico.

SENTIMENTO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO ÀS DIFICULDADES APRESENTADAS

Tendo em vista identificar como as famílias se sentem em relação às dificuldades mencionadas anteriormente, foi perguntado no questionário “*Como você se sente em relação a essas dificuldades?*”. A análise de conteúdo das produções evidenciou a emergência de 45 unidades de conteúdo, as quais formaram oito categorias temáticas. Estes resultados estão demonstrados a seguir no Quadro 2.

Quadro 2: Sentimentos das famílias em relação às dificuldades mencionadas

Categorias	Unidade de conteúdo (F)	Unidade de conteúdo (%)
Impotência	16	35,5
Se sente em uma fase que irá passar	7	15,5
Cansaço	5	11
Preocupação	4	9
Angústia	4	9
Estresse	4	9
Frustração	3	6,6
Culpa	2	4,4
Total	45	100

Fonte: Autoria própria

Como se pode observar no Quadro 2, a maior parte das respondentes indicaram que sentem-se impotentes frente às dificuldades mencionadas anteriormente, em relação aos(às) filhos(as) adolescentes. Como retratado pelas 35,5% das respostas, o sentimento de impotência surge frente à percepção de não dar conta ou de não saber lidar com o que surge em termos de dificuldades na convivência familiar. Um dos fatores citados foi a sensação de não conseguir acompanhar as rápidas mudanças tecnológicas, e como isso repercute no desenvolvimento dos(as) adolescentes, o que gera a percepção de impotência ao não conseguir desenvolver estratégias bem sucedidas para melhoria na convivência familiar.

A segunda categoria foi formada pelas respostas que apontam para um sentimento de que estão vivenciando uma *fase que irá passar* (15,5%). Frente às respostas, foi possível observar que muitas famílias sentem que as dificuldades enfrentadas na convivência com os adolescentes são muitas, entretanto passageiras, já que consideram a adolescência como uma fase difícil e que basta esperar o que consideram como *tempo certo* para que as coisas possam se resolver.

O sentimento de *cansaço* também foi frequente nas respostas, formando a terceira categoria com 11% das respostas. Retoma-se o que foi descrito pelas famílias no que diz respeito à rotina exaustiva, compreendendo esse sentimento de cansaço como fruto das múltiplas atividades que a mãe/responsável desempenha como trabalho, estudos, tarefas domésticas, cuidar da casa e de vários filhos e, além de eventuais necessidades dos maridos.

As categorias subsequentes apresentam o mesmo percentual de respostas, todas com 9%, a saber: *preocupação*, *angústia* e *estresse*. Uma parcela das

famílias respondeu que a *preocupação intensa*, o *estresse diário* e o *sentimento de angústia recorrente* descrevem bem como se sentem no presente. As dificuldades mencionadas geram reações como: *estresse*; *comportamentos de irritabilidade*; *falta de paciência para o diálogo*; *comportamentos agressivos ou grosseiros em relação aos adolescentes*, aspectos também mencionados anteriormente. Paralelo a isso, a *angústia* que nem sempre consegue ser nomeada ou explicada por algumas famílias agrava o sentimento de *preocupação* com o futuro e com a própria saúde mental. Uma das mães respondentes afirma que se preocupa bastante com o futuro do seu filho adolescente, pois sente que ele ainda é muito dependente dela e dos jogos eletrônicos, tem pouca autonomia e não se interessa pelos estudos. Esse tipo de situação é indicado pela participante como geradora de preocupação com a sua própria saúde e com o futuro do seu filho caso aconteça algo com ela, o que pode ser reverberado também em outras configurações familiares.

Por fim, os sentimentos de frustração (6,6%) e culpa (4,4) ainda foram mencionados, mesmo que com um percentual relativamente baixo, se comparado aos anteriores, esses sentimentos chamam atenção uma vez que de acordo com pesquisas recentes (MUNHOZ, 2017) isso é uma das principais causas de mal-estar nas relações familiares. De acordo com a referida autora, a chegada do período da adolescência costuma provocar sentimentos de ambivalência e questionamentos nas mães e/ou responsáveis, advindas da falta de conhecimento de como agir em determinadas situações, agravado pela tendência de diminuição da abertura ao diálogo, o que pode levar a uma maior dificuldade de como acessar o mundo dos(as) filhos(as) adolescentes e conseqüentemente, maior entraves nessa relação.

Mediante o exposto, é importante demarcar que a ação de levantamento aqui relatada teve o objetivo de conhecer como os familiares vivenciam as questões afetas ao desenvolvimentos de seus(suas) filhos(as) adolescentes, a fim de fomentar ações de parceria entre família e escola no contexto educacional. A partir do conteúdo obtido percebeu-se a necessidade de que a instituição escolar desenvolva mais espaços de escuta que direcionam para ações promotoras de diálogos entre esses grupos, com o objetivo de que as mães/responsáveis se aproximem do contexto educacional de seus filhos e percebam as(os) profissionais nela situados enquanto parceiros no processo de escolarização.

Aqui concorda-se com Silva e Guzzo (2019) na percepção de que a escola conhece as famílias por meio dos procedimentos institucionalizados, como reuniões, entregas de boletins ou indicações de queixas de seus filhos no ambiente

educacional, e ainda que sejam contatos também necessários, defende-se que esse tipo de relacionamento entre as referidas instâncias acaba por limitar o escopo de possibilidades de articulações, diálogos e reflexões sobre as questões cotidianas acerca da vivência escolar e da família no que tange ao desenvolvimento dos(as) estudantes. De acordo com as autoras, “as famílias atribuem sentido à escola como um espaço confiável de educação, ensino, orientação e cuidado aos seus filhos” (SILVA; GUZZO, 2019, p. 07), portanto, o desenvolvimento de ações preventivas em Psicologia Escolar que busquem a aproximação destes, pode promover o fortalecimento de parcerias, bem como fomentar a mudança coletiva no que concerne à relação família-escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente material teve o objetivo de apresentar um relato de experiência profissional em Psicologia Escolar e Educacional, desenvolvido em uma instituição de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio da cidade de Campina Grande-PB. Foram desenvolvidas ações que visavam o estreitamento da relação família-escola no que concerne ao processo de desenvolvimento humano dos estudantes adolescentes, e como tais aspectos repercutiam no processo de escolarização destes.

O levantamento de demandas realizado por meio do instrumento aqui apresentado possibilitou à equipe de Psicologia a ampliação do olhar acerca de como familiares e/ou responsáveis percebem e vivenciam as questões afetas ao processo de desenvolvimento de seus filhos, e das possibilidades de atuação frente aos dados obtidos. Além disso, a referida ação de levantamento permitiu o fomento do desejo de criação de mais espaços participativos de familiares no processo educacional dos seus filhos, a fim de maior aproximação entre as referidas instâncias.

Desse modo, a partir do exposto no presente material, entende-se que a importância do papel da Psicologia Escolar e Educacional enquanto ciência e profissão que atua na mediação das relações intergrupais estabelecidas nos diversos contextos educacionais, e no acompanhamento ao processo de aprendizagem e desenvolvimento humano dos sujeitos componentes destes espaços é novamente evidenciada. Assim sendo, espera-se que o presente relato de experiência contribua também com o desenvolvimento de novas ações institucionais frente ao que concerne às especificidades advindas da relação família-escola.

Por fim, retomamos a importância das contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a atuação nos espaços escolares, bem como, a defesa e a luta pela efetiva inserção de profissionais da Psicologia Escolar e Educacional nas instituições de educação do país, referendada recentemente mediante a promulgação da Lei nº 13. 935 de 11 de dezembro de 2019, a qual dispõe sobre a prestação de serviços de Psicologia e de Serviço Social nas redes públicas de educação básica.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. A.; BRAZ-AQUINO, F. S. Psicologia escolar e relação família-escola: um levantamento da literatura. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 23, n. 2, p. 307–318, abr./jun. 2018. DOI: <<https://doi.org/10.1590/1413-82712018230210>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ALBUQUERQUE, J. A.; BRAZ AQUINO, F. S. Psicologia escolar e relação família-escola: um estudo sobre concepções profissionais. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 15, n. 1, 2021. DOI: <<https://doi.org/10.34019/1982-1247.2021.v15.29033>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

ANDRADA, E. G. C. Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Florianópolis, v. 18, n. 2. p. 196–199, ago. 2005. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000200007>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

ANTUNES, M. A. M. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. **Psicologia escolar e educacional**, São Paulo, v. 12, n. 2. p. 469–475, abr. 2008. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000200020>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

BARDIN, L. (1977). Análise de conteúdo. **Lisboa: Edições 70**.

BOCK, A. M. B. O compromisso social da Psicologia: contribuições da perspectiva Sócio-Histórica. **Psicologia em foco**, v. 1, n. 1, p. 1-5, 2008.

BRAZ AQUINO, F. S. *et al.* Concepções e práticas de psicólogos escolares junto a docentes de escolas públicas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 1, p.

71–78, jan./abr. 2015. DOI: <<https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0191799>>. Acesso em: 19 de nov. 2023.

BRAZ-AQUINO, F. S.; ALBUQUERQUE, J. A. Contribuições da teoria histórico-cultural para a prática de estágio supervisionado em psicologia escolar. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 33, n. 2. p. 225–235, abr./jun. 2016. DOI: <<https://doi.org/10.1590/1982-02752016000200005>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CAVALCANTE, L. A.; BRAZ AQUINO, F. S. Ações de psicólogos escolares de João Pessoa sobre queixas escolares. **Psicologia em Estudo**, v. 18, n. 2, p. 353–362, jun. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/dypZL3xpYQnW3FD7t8VGzwyC/?lang=pt&format=html>> Acesso em: 19 nov. 2023.

CFP - Conselho Federal de Psicologia (Brasil). **Técnicas para atuação de Psicólogas (os) na Educação Básica. 2. ed.** Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/08/EducacaoBASICA_web.pdf> Acesso em: 15 nov. 2023.

DINIZ, P. K. C.; SALOMÃO, N. M. R. Metas de socialização e estratégias de ação paternas e maternas. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 20, p. 145–154, ago. 2010. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2010000200002>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

FERREIRA, A. C. *et al.* Adolescentes desinteressados? Reflexões de estudantes do ensino médio público sobre sua escola. **Revista de psicologia**, Santiago, v. 30, n. 1, p. 01–14, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0719-05812021000100018&script=sci_arttext> Acesso em: 19 nov. 2023.

FERREIRA, A. C. *et al.* Adolescentes desinteressados? Reflexões de estudantes do ensino médio público sobre sua escola. **Revista de psicología (Santiago)**, v. 30, n. 1, p. 18–31, 2021. DOI: <<http://dx.doi.org/10.5354/0719-0581.2021.56512>> Acesso em: 10 dez. 2023.

FERREIRA, F. G. *et al.* Estágio supervisionado em psicologia escolar: uma experiência na perspectiva institucional. **Rev. Psicol. IMED**, Passo Fundo, v. 11, n. 1, p. 202–216, jun. 2019.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S12175-50272019000100013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 19 nov. 2023.

FREITAS, F. L. **A relação escola e família: Análise de uma política em construção.** 2016. 258 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/969506>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

GUZZO, R. S. L.; MOREIRA, A. P. G.; MEZZALIRA, A. S. C. Desafios para o cotidiano do psicólogo dentro da escola: A questão do método. In: DAZZANI, M. V. M.; SOUZA, V. L. T. (Org). **Psicologia escolar crítica: teoria e prática nos contextos educacionais.** 1. ed. Campinas: Editora Átomo & Alínea, 2016. cap. 1, p. 21-35

GUZZO, R. S. L. *et al.* Psicologia Escolar e Família: Importância da proximidade e do diálogo. In SOUZA, V. L. S. T.; BRAZ AQUINO, F. S.; GUZZO, R. S. L. &

MARINHO-ARAUJO, C. M. (Orgs), **Psicologia escolar crítica: atuação emancipatória nas escolas públicas.** 1. ed. Campinas: Alínea, 2018. cap. 7. , p. 143–162. Campinas, SP: Ed. Alínea.

KELLER, H. Diferentes caminhos de socialização até a adolescência. **Journal of Human Growth and Development**, v. 8, n. 1–2, 1998. DOI: <<https://doi.org/10.7322/jhgd.38572>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

KOSHINO, I. L. A. **Vigotski: desenvolvimento do adolescente sob a perspectiva do materialismo histórico e dialético.** 2011. 133 f. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR.

MARINHO-ARAUJO, C. M. Intervenção institucional: Ampliação crítica e política da atuação em Psicologia Escolar. In: GUZZO, R. S. L. (Org.). Bastidores da escola e desafios da educação pública: a pesquisa e a prática em Psicologia Escolar. 1. ed. Campinas: Editora Alínea, 2014. cap. 7, p. 153-175.

MARTÍNEZ, A. M. O que pode fazer o psicólogo na escola? **Em aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 39–56, mar. 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/6292>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MARCONDES, K. H. B.; SIGOLO, S. R. R. L. Communication and Involvement: What are the Possibilities of Interconnection between Family-school?. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 22, p. 91-99, abr. 2012. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000100011>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

MEZZALIRA, A. S. C. *et al.* O psicólogo escolar na educação infantil: uma proposta de intervenção psicossocial. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 11, n. 1, p. 233–247, jan./jun. 2019. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6996072>> Acesso em: 19 nov. 2023

MUNHOZ, D. P. **Parentalidade: fortalecimento das relações entre pais e filhos adolescentes.** 2017. 297 f. Tese de Doutorado - Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, RS. Disponível em: <<https://repositorio.furg.br/handle/1/8942>> Acesso em: 10 dez. 2023.

NASCIMENTO, A. R. D. D. **Atuação do psicólogo escolar junto a professores da educação básica: concepções e práticas.** 2020. 183 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18675>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

NEVES, M. M. B. J. Queixas escolares: conceituação, discussão e modelo de atuação. **In:** MARINHO-ARAÚJO, C. M. **Psicologia Escolar: identificando e superando barreiras.** 1. ed. Campinas: Editora Átomo & Alínea, 2011. cap. 8, p. 175–214.

OLIVEIRA, C. B. E.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, p. 99–108, mar. 2010. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100012>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

PATIAS, N. D.; ABAID, J. W. O que pode fazer um estagiário de psicologia na escola? problematizando prática e a formação profissional. **Educação**, Santa Maria, v. 39,

n. 1. p. 187-200, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edufsm/v39n01/v39n01a14.pdf>> Acesso em: 19 nov. 2023.

PEREIRA, A. P.. Adolescência e juventude: contribuições e desafios de escritos soviéticos para a análise da realidade brasileira. **Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, v. 3, n. 3, p. 1–25, 2019.

ROSA, M. S. et al. Alterações neuroanatômicas preditivas para o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista: Revisão Integrativa. **Simpósio de Neurociência Clínica e Experimental**, v. 1, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://portaleventos.uuffs.edu.br/index.php/SIMPNEURO/article/view/14530>> Acesso em: 10 dez. 2023.

SANTOS, G. M. V. et al. Cuide-se para Cuidar: a promoção do autocuidado entre mães de crianças com deficiência por meio da extensão universitária. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 11, p. e8956-e8956, 2021. Disponível em: <<https://acervo-mais.com.br/index.php/saude/article/view/8956>> Acesso em: 10 dez. 2023.

SILVA, G. É. F. S.; GOMES, R. A.; BRAZ AQUINO, F. S. Estágio em Psicologia Escolar na modalidade remota: Atuações em instituições públicas de Educação Básica. In: FONSECA, A. L. B.; VASCONCELOS, D. C.; SOUSA, L. C. B. **O que a COVID-19 nos ensina?!** Estudos Biopsicossociais. 1 ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2023. cap. 6. p. 138–164.

SILVA, G. G.; MATOS, H. C. S.; OLIVEIRA, R. B. Projeto de Vida no Ensino Fundamental: desafios de implementação. **Educação em Foco**, v. 28, n. 1, p. e28005-e28005, 2023. Disponível em: <<https://periodicoshomolog.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/38783>> Acesso em: 10 dez. 2023.

SILVA, J. R. R. T.; LYRA, M. C. D. P.. Rememoração: contribuições para a compreensão do processo de aprendizagem de conceitos científicos. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, p. 33–40, 2017. DOI: <<https://doi.org/10.1590/2175-3539201702111065>> Acesso em: 10 dez. 2023.

SILVA, S. S. G. T.; GUZZO, R. S. L. Escola, família e psicologia: diferentes sentidos da violência no ensino fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 23, p.

e189983, 2019. DOI: <<https://doi.org/10.1590/2175-35392019019983>> Acesso em: 19 nov. 2023.

VIGOTSKI, L.S. **Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia.** 1. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.